

AULAS DO PORTAL DO PROFESSOR: IMPLICAÇÕES E CONTRIBUIÇÕES

Maria Aparecida Resende Otonni – ILEEL- UFU

Maria José Silva Fernandes-EESA

Vilma Aparecida Gomes- ESEBA - UFU

Walleska Bernardino Silva – ESEBA -UFU

Resumo

Este artigo faz parte de uma pesquisa maior sobre a problematização de ações relacionadas às políticas públicas voltadas para o ensino de Língua Portuguesa, a saber: “O portal do professor: contribuições e implicações para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica do Triângulo Mineiro”. O *corpus* dessa pesquisa compõe-se de aulas publicadas no Portal do Professor e entrevistas com professores de escolas públicas do Triângulo Mineiro, com o propósito geral de investigar quais as contribuições e implicações deste sítio disponibilizado pelo MEC, o Portal, para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica. Neste artigo, especificamente, apresentamos a análise de uma das aulas mais acessadas do Portal, que resulta de uma busca no sítio por meio dos critérios: *Língua Portuguesa; Ensino Fundamental Final; mais acessadas*. Nosso objetivo, por ora, é analisar como essa aula é organizada, e verificar se ela toma o gênero discursivo (BAKHTIN, 2000) como objeto de ensino atendendo ao que se tem preconizado para o ensino de Língua Portuguesa (LP), conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN). Os resultados mostram que a referida aula não toma o gênero como objeto de ensino.

1. Introdução

Neste artigo, apresentamos resultados iniciais e parciais da pesquisaintitulada *O Portal do Professor: contribuições implicações para o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica do Triângulo Mineiro*, financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (FAPEMIG) e pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), por meio do edital 13/2012 – Pesquisa em Educação Básica, acordo CAPES-FAPEMIG.

Essa pesquisa tem como objeto de análises sugestões de aulas de Língua Portuguesa (LP), do 6º ao 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ao 3º ano do Ensino Médio, presentes no Portal do Professor¹, e entrevistas com professores de LP de escolas públicas do Triângulo Mineiro, com o propósito de investigar quais as contribuições e implicações do Portal para o ensino de LP na Educação Básica.

¹Sítio do Portal do Professor: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/index.html>>.

Neste artigo, especialmente, apresentamos a análise de uma das aulas que compõem o *corpus* de nossa pesquisa investigando sua organização em relação ao que os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs (1997, 1998, 1999, 2000) têm preconizado para o ensino de LP, no que diz respeito aos gêneros discursivos (BAKHTIN, 2003) como mediadores do processo de ensino-aprendizagem.

Para a realização das análises, fundamentamo-nos na noção teórica bakhtiniana, qual seja, a perspectiva enunciativo-discursiva que coloca em cena o caráter dialógico da linguagem. Nessa visão teórica, o dialogismo é um fenômeno constitutivo a todo e qualquer uso da língua, tanto na modalidade oral como na escrita. Essa perspectiva teórica é relevante para a nossa pesquisa porque além da noção de gênero discursivo apresentada por Bakhtin ser construída à luz do dialogismo, essa visão de gênero discursivo sustenta os princípios dos PCN (1997, 1998, 1999, 2000), quanto ao ensino de LP.

A organização do artigo consta: i) de uma breve apresentação do sítio Portal do Professor; ii) da exposição de algumas mudanças historicamente relatadas quanto ao ensino de LP; iii) das considerações teóricas sobre gênero discursivo e iv) da discussão quanto à organização da aula de LP mais acessada no Portal do Professor com base no que os PCN promulgam.

2. Portal do Professor

O Portal do Professor é um sítio do Ministério da Educação (MEC), Secretaria de Educação a Distância (SEED), que foi criado em 2008, em parceria com o Ministério da Ciência e Tecnologia, com o propósito de “apoiar os processos de formação de professores brasileiros e enriquecer a sua prática pedagógica.” Ele é um espaço público e, como tal, pode ser acessado por todos os interessados.

Esse sítio tem por objetivo, dentre outros propósitos, apresentar estratégias de aulas e de avaliação que desenvolvam competências para as novas vias de comunicação, tais como vídeos, blogues e uso de imagens. Essa iniciativa visou reunir em um só local na *web* um conjunto de recursos de: multimídia (vídeos, áudios, animações, simulações, imagens); interação e comunicação (fóruns, blogues, *chat*); acesso às informações e ao conhecimento (cursos, *links*, materiais de estudo, notícias educacionais e aulas); recursos que possam colaborar para sugestões de criação de aulas que podem enriquecer a atuação do professor e também contribuir para facilitar a aprendizagem do aluno.

[Digite texto]

Qualquer professor pode publicar sua aula no sítio, se tiver interesse em fazê-lo; todavia, há professores bolsistas responsáveis pela inserção mensal de aulas. Em 2009, em função da excelente média alcançada pelos alunos dos colégios federais no IDEB, o então Ministro da Educação, Fernando Hadad, convidou os diretores dos referidos colégios federais para uma reunião, na qual lhes apresentou uma proposta de incentivo com bolsas a todos os professores atuantes nos colégios de Aplicação, para que eles postassem, no sítio Portal do Professor, aulas que considerassem exitosas.

Em função disso, o MEC criou uma equipe para orientar a produção das aulas e avaliar se essas aulas estavam em concordância com a proposta da equipe. Só depois dessa avaliação, as aulas seriam postadas no sítio. Essa mesma equipe ficou responsável por coordenar a organização dos grupos de trabalho nos referidos colégios. Inicialmente, foram constituídos grupos de sete professores, sendo um validador – professor que fazia a análise da aula dos demais membros de seu grupo e a encaminhava para a equipe do Portal para ser submetida à avaliação. Cada professor deveria elaborar seis aulas; portanto, a equipe deveria postar vinte e quatro aulas, até o dia 20 de cada mês.

Essa breve apresentação dos mantenedores bolsistas do Portal justifica-se pelo fato de que as aulas postadas, em geral, são produções de professores capacitados para tal empreitada, o que confirma a possibilidade de um vislumbre, em medida, do panorama do ensino de LP preconizado na educação básica pelas políticas públicas de educação. Todavia, isso não significa que necessariamente é o que acontece. Por isso, a pertinência da pesquisa maior por nós proposta, na qual se insere este artigo.

Ao longo da existência do projeto, algumas mudanças ocorreram. Uma delas diz respeito, por exemplo, à forma como as aulas deveriam ser criadas: por meio da configuração de projetos de pesquisa. Cada membro do grupo deveria postar quatro projetos de pesquisa, a fim de disseminar a ideia de como os conteúdos de LP poderiam ser explorados de maneira científica na Educação Básica. Outra mudança referiu-se à necessidade de integrar a tecnologia às propostas de ensino curriculares, o que demandou das equipes metodologias que de alguma forma propusessem a intermediação das tecnologias de informação e comunicação às estratégias de ensino-aprendizagem. Atualmente, fruto de novas mudanças, cada membro do grupo deve postar quatro aulas tomando como parâmetro uma das seguintes temáticas: a) pacto pela

alfabetização na idade certa²; b) matriz curricular do ENEM³; c) produção da Tv Escola⁴.

Dentre as orientações da equipe do Portal do Professor aos colaboradores é possível, em linhas gerais, observar pela proposta que há uma concepção de língua mais “alargada” para a qual concorrem não somente aspectos linguísticos, mas considerações sociais, históricas, culturais e ideológicas, **manifestas na e pela língua em uso**. Nisso, a concepção de aluno é a de um sujeito “sujeito responsivo ativo”(BAKHTIN, 2003). Isso pode ser confirmado pelo item 14, quando da orientação em relação às estratégias que as aulas publicadas no Portal devem privilegiar:

14) Em relação às estratégias:

- Privilegie estratégias em que **os alunos sejam os atores principais**. Evite aulas expositivas.
 - Proponha atividades que tratem de pesquisas, debates, experimentações, trocas de informações **para que ocorra construção, colaboração entre colegas, registros e divulgação dos novos conhecimentos**.
 - Procure proporcionar aos alunos **atividades que contemplem a interação, porque é neste ambiente que a aprendizagem acontece**. Proponha atividades exploratórias, que **favoreçam a troca, a colaboração e a cooperação**.
 - Direcione a sua aula para que **estimule a curiosidade, a pesquisa, a discussão, a polêmica**.
 - Proponha atividades que possam contribuir com o desenvolvimento dos alunos nos diversos aspectos: **conceituais, procedimentais e atitudinais**.
 - É importante, também, que **os alunos se sintam desafiados a resolver problemas e tomar decisões a respeito do que é preciso estudar, refletir e produzir**. É igualmente importante que a organização da tarefa garanta a máxima circulação.
- (Itens de ajuda para produção de aulas para o portal. Disponível em:<http://eejms.wikispaces.com/file/view/dicas_producao_aulas.pdf>, grifo nosso.)

A partir dessas noções sobre o Portal, é possível concluir que se trata de um sítio que visa apresentar sugestões de atividades no que concerne a metodologias mais satisfatórias para a atual demanda de ensino. O que cabe é verificar se essa proposta tem

²Objetivo: “Garantir que todas as crianças estejam plenamente alfabetizadas na idade apropriada é a meta do Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa.” Disponível em: <<http://pacto.mec.gov.br/>>. Acesso em:

³A proposta tem como principais objetivos “democratizar as oportunidades de acesso às vagas federais de ensino superior, possibilitar a mobilidade acadêmica e induzir a reestruturação dos currículos do ensino médio.” Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13318&Itemid=310&msg=1>. Acesso em:

⁴Aulas que possam considerar programas da Tv Escola, como Sala de Professor e Salto para o Futuro. Site da Tv Escola: <<http://tvescola.mec.gov.br/>>.

sido apropriadamente considerada nas aulas postadas. Por isso, essa pesquisa cumpre parte desse objetivo maior, ao analisar o tratamento do gênero discursivo como objeto de ensino, conforme apregoa os PCN.

3. Sobre o ensino de Língua Portuguesa

Há muitos anos o ensino de Língua Portuguesa na Educação Básica tem sido centro de nossas preocupações. Como professoras ou ex-professoras da Educação Básica, como professoras do ensino superior e como pesquisadoras, temos procurado configurar nossa prática de ensino de Língua Portuguesa, pensar e pesquisar sobre esse ensino com base em fundamentos epistemológicos de cunho interacionista sociodiscursivo. Em conformidade com tais fundamentos, a linguagem é concebida como um modo de ação e de interação social e o sujeito assume posição de destaque em qualquer situação de interação.

Ao longo dos anos, temos observado o surgimento de algumas mudanças, as quais, de forma direta ou indireta, têm produzido efeitos no modo como os docentes concebem o ensino e a linguagem, no espaço da sala de aula e na constituição identitária do professor.

Dentre essas mudanças, podemos citar: a) o processo de democratização do ensino, ocorrido a partir dos anos 70, o qual alterou a clientela das escolas públicas e, conseqüentemente, gerou novas demandas para o professor de Língua Portuguesa; b) os avanços nos estudos linguísticos, que propiciaram uma nova forma de se conceber a linguagem: não mais como expressão do pensamento ou instrumento de comunicação, mas como forma de interação social e como constituinte da sociedade e por esta constituída; c) a publicação dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1997, 1998, 1999), que preconizam o ensino da língua por meio dos gêneros de discurso e a tomada destes como objetos de ensino e o texto como unidade de ensino.

A publicação dos PCNe a criação do Portal do Professor são parte dos investimentos do governo em iniciativas e políticas públicas para atender às novas demandas oriundas dessas transformações e das ocorridas na sociedade para auxiliar o professor da Educação Básica. Assim sendo, consideramos relevante investigar o que está sendo publicado no Portal e entendemos que as aulas que são solicitadas pela equipe do Portal do Professor aos professores bolsistas deveriam estar em conformidade

o que preconiza o referido documento, ou seja, os gêneros de discurso deveriam figurar como objeto de ensino.

3.1. Os gêneros de discurso como objeto de ensino: implicações

Nos PCN (BRASIL, 1998), defende-se uma educação comprometida com o fortalecimento do aluno e com o desenvolvimento da sua competência discursiva. Essa competência é concebida

como a capacidade que os usuários da língua devem ter para escolher o gênero mais adequado aos seus propósitos, na prática de produção de textos, e de, na prática de leitura, reconhecer o gênero em evidência, suas especificidades e a prática social a qual ele está vinculado (DIAS, et al, 2011, p. 154).

De acordo com esse documento, o ensino por meio dos gêneros pode possibilitar o desenvolvimento dessa competência discursiva, por isso, há a orientação de que os gêneros do discurso sejam tomados como objetos de ensino, o que parece não estar sendo uma tarefa fácil.

Neste estudo, assim como nos PCN, o conceito de gênero é tomado da proposta de Bakhtin, a qual tem um enfoque sociodiscursivo-interacionista. O autor relaciona a língua ao social e concebe o enunciado como fruto da interação social. Para ele, as esferas da atividade humana estão sempre associadas à utilização da língua. Essa utilização

efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos) concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana. Esses enunciados refletem as condições específicas e as finalidades de cada referido campo, não só por seu conteúdo (temático) e pelo estilo de linguagem, ou seja, pela seleção dos recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais da língua, mas, acima de tudo, por sua construção composicional. Todos esses três elementos – o conteúdo temático, o estilo, a construção composicional – estão indissolivelmente ligados no todo do enunciado e são igualmente determinados pela especificidade de um determinado campo da comunicação. Evidentemente, cada enunciado particular é individual, mas cada campo de utilização da língua elabora seus *tipos relativamente estáveis* de enunciados, os quais denominamos *gêneros do discours*. (BAKHTIN, 2000, p. 261-262).

Eles são considerados “relativamente estáveis” porque não são imutáveis. Como estão diretamente relacionados à vida social, podemos dizer que mudanças sociais podem se refletir em mudanças nos gêneros existentes e no surgimento de novos

gêneros. Conforme Bakhtin (2000, p. 285), os gêneros do discurso, “de forma imediata, sensível e ágil, refletem a menor mudança na vida social.”. Para ele, os enunciados e, por conseguinte, os gêneros “são as correias de transmissão que levam da história da sociedade à história da língua”.

Esse imbricamento dos gêneros com a vida social não pode ser desconsiderado no ensino, pois é importante que o aluno perceba que os gêneros são práticas sociais e comunicativas que foram construídas ao longo da história, tendo em vista as especificidades das diferentes situações de comunicação, e que são influenciadas por fenômenos sociais. É importante que perceba, também, que por meio dos gêneros, os quais se materializam em textos, nós agimos e interagimos na sociedade. Desse modo, é fundamental que tenha a capacidade de selecionar o gênero mais adequado aos seus propósitos, tendo em vista as práticas sociais das quais participa e participará, e a capacidade de reconhecer e compreender os gêneros aos quais tem e terá acesso na vida social.

Para o desenvolvimento dessa competência discursiva, defende-se, então, que os gêneros sejam tomados como objeto de ensino. Isso significa levar em conta os seus aspectos constitutivos – conteúdo temático, construção composicional e estilo –, as suas condições de produção, os propósitos e os participantes da situação de comunicação. Esses aspectos variam conforme se produza, por exemplo, um poema, um bilhete, uma resenha, uma receita, um texto de opinião ou científico, um seminário, dentre outros.

Podemos afirmar que o ensino por meio dos gêneros é uma proposta metodológica de ensino contextualizado da língua que preza a diversidade de textos e de gêneros e que exige a intervenção constante do professor para que o aluno possa construir o seu conhecimento. Sem dúvida, isso implica em mudança nos métodos e práticas para atender a novas demandas. Conforme os PCN,

A importância e o valor dos usos da linguagem são determinados historicamente segundo as demandas sociais de cada momento. Atualmente, exigem-se níveis de leitura e de escrita diferentes dos que satisfizeram as demandas sociais até há bem pouco tempo e tudo indica que essa exigência tende a ser crescente. A necessidade de atender a essa demanda, obriga à revisão substantiva dos métodos de ensino e à constituição de práticas que possibilitem ao aluno ampliar sua competência discursiva na interlocução. Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos, letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases, que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a

competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto.

Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero.

Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.

Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas.

A compreensão oral e escrita, bem como a produção oral e escrita de textos pertencentes a diversos gêneros, supõem o desenvolvimento de diversas capacidades que devem ser enfocadas nas situações de ensino. É preciso abandonar a crença na existência de um gênero prototípico que permitiria ensinar todos os gêneros em circulação social (BRASIL, 1998, p. 23-4).

Por isso, cabe a pergunta que subjaz essa pesquisa: como as aulas publicadas no Portal do Professor têm lidado com o gênero discursivo enquanto objeto de ensino que visa à ampliação da competência discursiva do aluno?

4. Procedimentos metodológicos

Como já afirmamos anteriormente, para a composição do *corpus*, utilizamos os critérios de busca no portal: Língua Portuguesa; Ensino Fundamental Final, aulas mais acessadas. Tivemos como resultado de busca, em 03 de julho de 2013, o total de 334 aulas. Para consulta às aulas de Ensino Médio, só alteramos o tipo de pesquisa para Ensino Médio. O sítio disponibilizou 213 aulas, também acessadas na mesma data supracitada. Verificamos, no entanto, que muitas aulas que estavam listadas para o Ensino Fundamental Final também estavam listadas para o Ensino Médio, dada uma das orientações para os professores publicadores de aulas:

- 11) A aula pode atender a mais de um nível de ensino ou modalidade
 - Ao criar sua aula verifique se é pertinente a mais de um nível de ensino (fundamental inicial/final ou final/médio ou médio/profissional) ou a outra modalidade, por exemplo, o EJA (1º e 2º ciclos) e educação escolar indígena. Não esqueça também de, ao escolher outros níveis, destacar a importância do texto principal ser substituído por outro mais adequado. (Itens de ajuda para produção de aulas para o portal. Disponível em: <http://eejms.wikispaces.com/file/view/dicas_producao_aulas.pdf>.)

Assim, decidimos excluir do nosso *corpus* de pesquisa as aulas repetidas e as aulas que não trabalhavam um conteúdo de LP, ou seja, aulas que poderiam ser ministradas por um professor de outra área, porque não exigiam conhecimento específico de língua. Então, em nosso *corpus* de análise, temos 307 aulas do Ensino Fundamental e 74 do Ensino Médio, totalizando 381 aulas.

A aula denominada UCA - Do oral para o escrito: a retextualização de uma aula⁵ é a primeira aula do nosso *corpus* de pesquisa, conforme ordenação evidenciada pelo sítio do Portal no momento da busca; por isso, é a aula objeto de nossa primeira análise. A análise dessa aula será desenvolvida a partir de sua organização e desenvolvimento, ou seja, temática, motivação, atividades e as orientações dadas para o desenvolvimento da proposta, para verificarmos se ela atende ao que está sendo preconizado para o ensino de LP, de acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN.

5. Apresentação e análises de dados

Antes de passarmos detidamente à análise da aula “UCA - Do oral para o escrito: a retextualização de uma aula”, tecemos uma consideração quanto a uma dificuldade enfrentada pelos professores colaboradores do Portal ao terem que submeter sua aula a uma temática.

A nosso ver, a dificuldade para a eleição da temática está justamente na forma como a equipe do Portal orienta a definição: o professor colaborador não tem a liberdade de defini-la; ele deve escolher, entre os vários temas listados pelo Portal, o que melhor representa a temática de sua aula, ou seja, o tema da aula já é pré-determinado pela equipe do Portal, conforme apresentado a seguir:

⁵ Aula disponível publicamente em:
<<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/fichaTecnicaAula.html?aula=37241>>. Acesso em

Siga os passos abaixo para criar sua aula

1 **Autoria**
Incompleto
 2 **Estrutura Curricular**
Você está aqui
 3 **Dados de Aula**
4 **Estratégias e Recursos**
5 **Avaliação**

Estrutura Curricular

Tipo de Pesquisa Nivel de Ensino Modalidade

Nível de Ensino Ensino Fundamental Final

Componente Curricular Língua Portuguesa

Tema
(Múltipla escolha)

- Análise linguística: léxico e redes semânticas
- Análise linguística: modos de organização dos discursos
- Análise linguística: organização estrutural dos enunciados
- Análise linguística: processos de construção de significação
- Análise linguística: variação linguística: modalidades, variedades, registros
- Língua oral e escrita: historicidade da linguagem e da língua
- Língua oral e escrita: prática de escuta e de leitura de textos
- Língua oral e escrita: prática de produção de textos orais e escritos
- Língua oral e escrita: processos de interlocução

Essa forma de organização da estrutura temática da aula imputada ao professor colaborador pode dificultar a pesquisa para aqueles professores que fazem a busca pela temática que desejam desenvolver em sala de aula e que não consta lexicalmente pontuada dentre os temas que figuram no componente curricular LP. Além disso, observamos que todas as sugestões temáticas apresentadas pela equipe do Portal são muito amplas, como: “análise linguística: modos de organização dos discursos”. Com essa temática podemos desenvolver uma gama de atividades ao ensinar a Língua Portuguesa.

A proposta de aula ora analisada tem por objetivos trabalhar a retextualização e estabelecer uma relação entre as modalidades oral e escrita da língua, de acordo com os objetivos apresentados a seguir:

Dados da Aula

O que o aluno poderá aprender com esta aula

- (re)conhecer as relações existentes entre as modalidades oral e escrita da língua;
- conhecer o processo de retextualização;
- retextualizar um texto oral (aula) em um texto escrito, utilizando elementos pertinentes à modalidade escrita;
- aprimorar sua capacidade/habilidade de produção escrita.

Duração das atividades

3 aulas de 50 minutos

Conhecimentos prévios trabalhados pelo professor com o aluno

- linguagem verbal e não verbal.

Estratégias e recursos da aula

[Digite texto]

- *laptopUCA*;
- acesso a diferentes *sites* da internet;
- vídeo do *YouTube*;
- processador de textos *Kword*;
- projetor multimídia (*datashow*);
- produção textual;
- trabalho interativo em duplas

Em relação aos conhecimentos prévios que deveriam ser trabalhados previamente, a professora enuncia que os alunos precisam ter conhecimento da linguagem verbal e não verbal, porque a proposta da aula é trabalhar a temática da retextualização. Nesse sentido, parece que a perspectiva de retextualização que a professora norteia a construção da sua aula é mais “alargada”, podendo, inclusive, uma imagem ser retextualizada, embora a professora não tenha deixado explícito, durante o desenvolvimento da aula, o que estava sendo considerado como retextualização, observamos, na própria aula, pelo artigo sugerido para leitura nos recursos complementares, *A fala e a escrita em questão: retextualização*, que a perspectiva teórica que sustentou o desenvolvimento da aula foi embasada em Marcuschi (2001). Nesse sentido, essa perspectiva de retextualização torna-se “estreita”, porque, para esse linguista, o processo de retextualizar ocorre a partir da mudança de modalidade do oral para o escrito ou vice-versa.

De acordo com a visão desse autor, os termos retextualização e reescrita, às vezes, são empregados sem apresentar uma diferença conceitual mais aprofundada, são conceitos que tentam mostrar o que ocorre em um texto, da versão original à versão final. Embora haja alguma equivalência entre os conceitos, Marcuschi (2001, p.48) estabelece uma diferença importante: a reescrita ou refacção ocorre do texto escrito para o escrito, essas transformações ocorrem no interior do texto. Por outro lado, na retextualização ocorrem modificações mais amplas no texto, podendo, inclusive, mudar o meio pelo qual o texto original foi produzido ou veiculado, por exemplo: entrevista oral para notícia escrita, texto impresso para a notícia do rádio, ou seja, a retextualização ocorre pela transformação de um texto da modalidade oral para a escrita e vice-versa.

Na sequência, apresentamos e analisamos as duas primeiras atividades propostas para o desenvolvimento da aula.

Atividade 1 – Motivação

Alunos organizados em duplas.

[Digite texto]

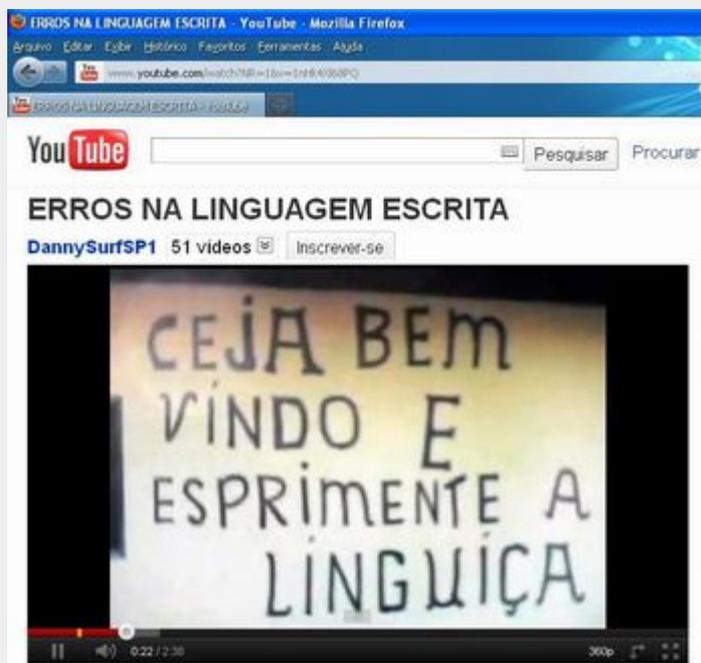
Professor, a finalidade desta etapa da aula é possibilitar que os discentes assistam a um vídeo que reproduz diversos textos escritos que contêm falhas gramaticais em relação à norma padrão da língua, objetivando-se conduzi-los à reflexão sobre a relação entre as modalidades oral e escrita da língua.

Exercício 1

Para responderem às questões propostas, utilizem seus *laptops*, criando um arquivo no programa *Keyword* intitulado “Falhas na linguagem escrita - análise”. Todos os alunos devem digitar as respostas em seus *laptops*.

- 1) Utilizando um *laptop* por dupla, acessem o vídeo do *YouTube* intitulado “Erros na Linguagem Escrita” (Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=1nHk4Xl68PQ>>. Acesso em: 20 out. 2011.). Assistam-lhe atentamente.
- 2) Digitem (no arquivo criado por vocês no programa *Keyword*) dez palavras, expressões ou frases apresentadas no vídeo que contêm falhas gramaticais.
- 3) Pronunciem essas palavras para seu colega de dupla e analisem: o som pronunciado por vocês coincide com a forma equivocada como as palavras foram escritas nas placas, faixas e demais textos apresentados no vídeo?
- 4) Que relação é possível estabelecer entre a forma oral e a forma escrita dessas palavras analisadas?
- 4) Apresentem suas respostas aos colegas.

O vídeo assistido pelos estudantes é o seguinte:



(Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?NR=1&v=1nHk4Xl68PQ>>. Acesso em: 20 out. 2011.)

No enunciado da atividade um, há uma orientação para que os alunos assistam a um vídeo de um texto escrito que apresenta “falhas” gramaticais. Ao assistir ao vídeo, verificamos que os textos apresentados são placas, anúncios com palavras grafadas

[Digite texto]

inadequadamente. A tarefa dos alunos consiste em escrever dez palavras encontradas nos textos do vídeo que apresentem “erros” ortográficos. Em seguida, os alunos devem pronunciar essas palavras e responder qual a relação existente entre a forma oral e forma escrita dessas palavras.

Nos exercícios da primeira e da segunda atividade, a professora sugere que, por meio desses exercícios, os alunos possam refletir sobre as relações existentes entre a modalidade oral e escrita da língua. Para conseguir efetivar esses objetivos, ela sugere, na atividade um, que os alunos assistam a esse vídeo em que são apresentadas placas, anúncios com palavras grafadas inadequadamente.

A nosso ver, essa atividade não se configura como uma atividade de retextualização, mas sim, uma atividade de análise entre a realização fônica e escrita da língua, pois após pronunciar as palavras, os alunos poderão perceber que os problemas apresentados na escrita estão relacionados à homofonia. Essa atividade pode proporcionar uma reflexão entre a modalidade oral e escrita da língua, apenas em seu aspecto fônico, não como uma atividade que possibilita uma reflexão sobre a construção dos sentidos e, além disso, a nosso ver, tal reflexão não se configura como uma atividade de retextualização. Com isso, não estamos dizendo que todas as atividades da aula devam contemplar esse processo, mas entendemos a necessidade de o professor explicitar que essa atividade não possibilitará a realização de retextualização. É importante esse esclarecimento, porque pode haver o entendimento dos professores que buscam sugestões de atividades nesse *sítio* de que uma atividade como essa possa ser considerada de retextualização.

Atividade 2 – Relacionando textos orais e escritos

Alunos continuam organizados em duplas.

Professor, a finalidade desta etapa da aula é propiciar o contato dos discentes com dois textos orais que foram transcritos, conservando-se parte das características da oralidade. Objetiva-se, com isso, conduzi-los à reflexão sobre as modalidades oral e escrita da língua e as características de cada uma delas.

Exercício 2

Para responderem às questões abaixo, utilizem seus *laptops*, criando um arquivo no programa *Kword* intitulado “Textos orais e escritos - análise”. Todos os alunos devem digitar as respostas em seus *laptops*.

- 1) Utilizando um *laptop* por dupla, acessem o *blog* Língua de doido e leiam os dois textos existentes no post “As variações da língua” (Disponível em: <<http://linguadedoido.blogspot.com/2010/08/as-variacoes-da-lingua.html>>. Acesso em: 20 out. 2011.).
- 2) Quais as características dos dois textos, isto é, como eles foram escritos?
- 3) Por que esses textos foram escritos dessa forma?
- 4) Vamos fazer um exercício de adaptação à modalidade escrita da língua. Reescrevam os dois textos lidos, considerando-se a norma padrão da língua portuguesa.
- 5) Quais diferenças existem entre os textos originais e os reescritos por vocês?
- 6) Vocês concordam com o apresentador Jô Soares, autor do segundo texto trabalhado, quando ele afirma que o português é uma língua muito fácil de aprender, porque é uma língua escrita exatamente como se fala? Justifiquem suas respostas.



(Disponível em: <<http://linguadedoido.blogspot.com/2010/08/as-variacoes-da-lingua.html>>. Acesso em: 20 out. 2011.)

Na atividade dois, os alunos devem acessar um *blog* intitulado Língua de doido. Nesse *blog* foi postada a transcrição de dois textos orais. Embora as transcrições dos textos sejam fieis às falas dos narradores, não se trata aqui de um texto oral, mas sim, de um texto escrito. Nesse sentido, as atividades propostas para os alunos configuram-se como atividades de reescrita, ou seja, ao desenvolver essas atividades, os alunos poderão efetivar uma mudança no interior do texto escrito, as transformações que serão efetivadas privilegiarão as mudanças da escrita não padrão para a escrita da língua padrão.

Essas transformações não são consideradas retextualizações porque não se configuraram como uma mudança de modalidade da língua oral para a escrita, por isso é importante reforçar a seguinte questão: não estamos entendendo que todas as atividades da aula privilegiem a retextualização, mas é necessário explicitar que atividades dessa natureza não contemplam ou não se configuram como um processo de retextualização.

[Digite texto]

Observamos que tanto na primeira como na segunda atividade, a professora perdeu a oportunidade de apresentar a outros professores a possibilidade de realização de análises de textos como atividade pedagógica levando em consideração aspectos de sua textualidade. Para isso, a referida professora poderia ter selecionado para essas duas atividades gêneros orais e escritos, tais como: na primeira atividade, ela poderia ter selecionado um vídeo oral abordando uma determinada temática, em contraponto com um texto escrito referindo-se à mesma temática. Na segunda atividade, a escolha poderia ser um vídeo oral de um caso, contrapondo com o mesmo caso na modalidade escrita.

Essas atividades, além de serem exemplos de retextualização, poderiam possibilitar aos professores, que tiverem acesso à aula, a oportunidade de vivenciar uma proposta em que as atividades orais e escritas fossem contempladas com uma análise que explorasse aspectos da sua construção e funcionamento e não ficasse apenas no nível da morfossintaxe. De acordo com Antunes (2010,p.14),

Em geral, os estudos linguísticos que integram os currículos dos cursos de letras ainda incidem muito sobre aspectos da morfossintaxe das línguas, em detrimento de questões sobre a construção e a circulação das ações de linguagem. Consequentemente, o olhar de professores e alunos sobre a construção do texto ainda é um olhar quase exclusivamente gramatical. Ainda falta, em muitos cursos, uma abordagem consistente de teorias sobre a textualidade, o que poderia ser possível pela exploração dos princípios da linguística do texto.

Nesse sentido, estamos entendendo que tomar o gênero como objeto de ensino, conforme orientações dos PCN, é explorar, além de aspectos da estrutura composicional do gênero, aspectos que contribuem para a construção dos sentidos que vão muito além de aspectos puramente gramaticais.

Exercício 3

O objetivo dessa atividade é retextualizar um texto oral em texto escrito. Para tanto, desenvolvam as atividades propostas:

1) Utilizando um *laptop* por dupla, gravem 10 minutos da aula ministrada por mim, conforme combinação feita em sala.

Para isso, utilizem a *webcam*, por meio do aplicativo *Wxcam* [disponível na área de trabalho ou em: Menu K > Aplicativos > Multimídia > WxCam]. A tela principal do *WXcam* será exibida. Ao clicar no botão vermelho, inicia-se a gravação de um arquivo no formato de vídeo, por meio da *webcam*.

Esse aplicativo possibilita filmar, fotografar, trabalhar com simetrias, alterar cores e também gravar em diferentes formatos de resolução: 80 x 60, 160 x 120, 320 x 240, 640 x 480. Observem, porém, que o *Wxcam* não grava arquivos de vídeo com áudio sem que esteja habilitada a opção de compressão “.xvid” e a opção “gravar arquivos com áudio”. Para escolher essas opções, vá em [Configurações > Preferências > Vídeo]. (Texto adaptado. Original disponível em:

<<http://ucadf.fe.unb.br/attachments/article/47/Manual%20Classmate%20PC.pdf>>.

Acesso em: 13 ago. 2011.)

2) Após gravarem o vídeo da aula, acessem-no e assistam-lhe, observando as características próprias da linguagem oral: a forma de expressão (que inclui entonação, ritmo, gestos), as correções feitas na linguagem, as possíveis repetições de palavras, redundâncias.

3) Utilizando o outro *laptop* da dupla, criem um arquivo no programa *Keyword* intitulado “Do oral para o escrito – retextualização de uma aula”.

4) Transcrevam, para esse arquivo criado, o texto da aula ministrada por mim, que foi gravado. Para essa transcrição, não se utiliza pontuação, não se pode inserir ou eliminar nenhuma palavra. Utilize reticências (...) entre uma fala e outra, quando houver pausa entre elas. Se alguma sílaba ou letra for repetida na oralidade, transcreva-a repetindo as letras. Após digitar esse texto, coloque o título dessa parte da atividade: “Transcrição da fala”.

Observem o seguinte exemplo de transcrição (Disponível em:

<[\[morto/edicoes_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss02_09.pdf\]\(http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss02_09.pdf\)>. Acesso em: 19](http://alb.com.br/arquivo-</p></div><div data-bbox=)

out. 2011.):

“eh... eu vou falar sobre a minha família... sobre os meus pais... o que eu acho deles... como eles me tratam... bem... eu tenho uma família... pequena... ela é composta pelo meu pai... pela minha mãe... pelo meu irmão... eu tenho um irmão pequeno de... dez anos... eh... o meu irmão não influencia em nada... minha mãe é uma pessoa superlegal... sabe?”

5) Chegou o momento de adaptar e aprimorar o texto oral transcrito por vocês. Para não perderem a transcrição feita, copiem-na e coleem-na abaixo da primeira parte digitada. Deem o título: “Adaptação da fala”.

Adaptar implica: perdas, como, por exemplo, de entonação, qualidade da voz, ênfase em algumas sílabas ou palavras; eliminação de palavras repetidas ou semelhantes, que são desnecessárias; articulação da ordem das frases, caso uma fala tenha sido iniciada e não concluída ou interrompida e concluída posteriormente. Aproveitem o texto digitado, caso seja possível, mas não se limitem a seguir exatamente a ordem dele, pois as mudanças são necessárias na adaptação da oralidade para a escrita.

Sintetizando, algumas operações necessárias para retextualizar um texto oral em escrito são:

- **1ª operação:** eliminação de marcas estritamente interacionais, hesitações e partes de palavras. No texto citado como exemplo, percebem-se as hesitações como “eh...”, “de...”; a marca interacional “sabe?”;

- **2ª operação:** introdução da pontuação e eliminação das reticências;

- **3ª operação:** retirada de repetições, reduplicações e redundâncias.

Observem o exemplo do texto dado acima, após a retextualização (Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anteriores/anais16/sem10pdf/sm10ss02_09.pdf>. Acesso em: 19 out. 2011.):

“Vou falar de minha família e de como eles me tratam. Minha família é pequena – meu pai, minha mãe e um irmão pequeno de 10 anos que não influencia em nada. Minha mãe é legal.”.

6) Após essas operações de retextualização feitas por vocês, tem-se a versão final do texto da aula, agora na modalidade escrita. Organizem-se e apresentem-no aos colegas.

Organize a turma em semicírculo para a socialização da atividade. Cada dupla apresentará sua versão retextualizada da aula ministrada. Caso disponham de *datashow*, será interessante utilizá-lo, para que os alunos visualizem os textos e não apenas os escutem. Se forem projetar, os alunos deverão salvar o arquivo do *KWord* com extensão *.odt*, em um *pendrive*, pois, assim, poderá ser transportado para o computador vinculado ao *datashow*. Salvando na extensão *.odt*, o arquivo abrirá no *Word* ou no *KWord*, indiferentemente. Ao final de cada apresentação, questione os discentes das demais duplas sobre a qualidade do texto escrito apresentado e se têm sugestões a serem feitas aos colegas.

Avaliação

A avaliação será feita por meio da observação em relação à participação, ao interesse e ao desempenho dos alunos em todos os momentos do desenvolvimento das atividades, bem como da capacidade de trabalharem de forma interativa.

Verifique ainda o desempenho dos discentes ao responderem aos três exercícios propostos e, especificamente, se foram capazes de:

- reconhecer as relações existentes entre a oralidade e a escrita, para que não sejam consideradas como polos estanques e diferenciados, mas sim, como processos contínuos que se interrelacionam;
- retextualizar o texto oral da aula ministrada em um texto escrito, com as características adequadas.

Recursos Complementares

Para obter mais informações sobre os gêneros trabalhados nesta aula, acesse os seguintes links:

- Artigo: *A fala e a escrita em questão: retextualização*. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_anais16/sem10pdf/sm10ss02_09.pdf>. Acesso em: 19 out. 2011.
- Texto expositivo: *Diferenças entre oralidade e escrita*. Disponível em: <<http://zellacoracao.wordpress.com/2009/08/19/diferencas-entre-oralidade-e-escrita/>>. Acesso em: 19 out. 2011.
- Artigo: *Da oralidade para a escrita*. Disponível em: <<http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/26/artigo190587-1.asp>>. Acesso em: 18 out. 2011.
- Texto expositivo: *Não se fala como se escreve*. Disponível em: <<http://educacao.uol.com.br/portugues/lingua-escrita-e-oral-nao-se-fala-como-se-escreve.jhtm>>. Acesso em: 19 out. 2011.

Na terceira atividade, a professora propõe que os alunos gravem dez minutos de sua aula e explicita que a turma deverá efetivar um processo de retextualização. As atividades foram direcionadas para que os alunos pudessem seguir passo a passo até executarem as transformações exigidas. Eles deveriam gravar a aula, depois fazer a transcrição e, em seguida, seguir as orientações para efetuar a retextualização do texto a partir da transcrição da aula. Essa atividade efetivamente propõe uma

[Digite texto]

retextualização, uma vez que é solicitado aos alunos que transponham o texto da modalidade oral da língua para a modalidade escrita.

Observem que nas orientações apresentadas para que os alunos efetivem a retextualização são abordados alguns aspectos da textualidade, mas não há uma proposição que encaminha para uma discussão questões relativas à construção dos sentidos do gênero.

Segundo Antunes (2010, p.49), as aulas de trabalho com gênero devem privilegiar uma análise que propicie aos alunos a oportunidade de descobrir, entre outros pontos, o esquema de composição do gênero; a orientação temática; o propósito comunicativo. Além disso, é importante apresentar para os alunos, as partes constituintes do gênero; as funções de cada uma delas; as relações que estabelecem entre si e com os elementos da situação; os efeitos de sentidos decorrentes de escolhas lexicais e de recursos sintáticos. É importante enfatizar o conjunto de regularidades do gênero, porque a análise dessas regularidades possibilita entender como o gênero é construído e funciona, por isso ela argumenta que:

Vale ressaltar que buscar descobrir essas regularidades textuais é mais do que perguntar sobre “o que o autor diz”. É, além disso, perguntar como é dito o que é dito, com que recursos lexicais e gramaticais, com que estratégias discursivas, quando e porque é dito, para quem e para provocar que efeitos, implícita e explicitamente. É muitíssimo mais, ainda, que identificar as classes gramaticais de palavras, ou a função sintática de determinados termos, sobretudo quando isso é feito sem referência aos sentidos expressos no texto (ANTUNES, 2010,p.49).

Na aula ora analisada esses aspectos não foram contemplados, entendemos que isso possa ter ocorrido em função de que essa aula foi elaborada para atender a demanda de um projeto proposto pelo MEC: UCA – um computador por aluno. Observamos que as atividades foram construídas com um zelo em relação aos recursos que possibilitavam aos alunos usar o computador para desenvolver as atividades propostas. Em detrimento disso, foram silenciadas as atividades que deveriam colocar o gênero como objeto de ensino, conforme postula Antunes(2010).

6. Considerações finais

Neste momento da nossa escrita, no qual apresentamos as nossas considerações finais deste artigo, é salutar explicitar, dada a inscrição teórica a qual nos inscrevemos para desenvolver a análise, qual seja: a noção de gênero na perspectiva de

Bakhtin, construída à luz do dialogismo, que este estudo trata-se de um gesto de leitura que não está fundado apenas na descrição, mas também, em uma interpretação que não deve ser entendida como definitiva.

Sendo assim, desenvolvemos a análise com o propósito de verificar como essa aula foi organizada, e verificar se ela toma o gênero discursivo (BAKHTIN, 2000) como objeto de ensino atendendo ao que se tem preconizado para o ensino de Língua Portuguesa (LP), conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais -PCN.

A análise empreendida tem o propósito demonstrar as possibilidades de alcance da aula, não estamos trabalhando com um pensamento positivista e dicotômico, de aula “boa” ou “ruim”. O que pretendemos mostrar é que ao desenvolver a referida análise, constatamos, por um lado, que a primeira e a segunda atividade não se configuram como atividades que exemplifiquem retextualização e, além disso, não tomam o gênero como objeto de ensino. Dizendo isso, queremos mostrar, por meio dessas atividades, pensando numa perspectiva dialógica e dependendo da visão do professor, que essa aula pode não contribuir para os objetivos propostos, por outro lado, dependendo do olhar do professor, o aluno poderá ser conduzido a explorar aspectos exclusivamente gramaticais, entendemos que “para o professor que está assujeitado a este modo de pensar, não há porque estimular seu aluno a fazer diferente disso”(MAGALHÃES, 2007, p.58).

Na terceira atividade, há uma proposição de retextualização, mas a professora perdeu a oportunidade de sugerir um trabalho em que o gênero fosse objeto de ensino, ou seja, como a aula propunha eventos de comunicação oral e escrita, poderiam ter sido explorados o esquema de composição do gênero, seu propósito comunicativo, suas partes constituintes, as funções de cada uma das partes, as relações estabelecidas entre elas e com os elementos da situação comunicativa e os efeitos de sentidos provocados a partir das escolhas lexicais e sintáticas, talvez, assim, desfocasse um pouco do viés da correção gramatical, segundo o qual “basta o texto não ter erros gramaticais para estar bom “ANTUNES, 2010, p, 15).

Finalizando, entendemos que as aulas postadas no Portal têm por objetivo servir de modelo para que os professores consigam efetivar os objetivos do ensino da Língua Portuguesa, quais sejam: desenvolver habilidades de leitura, de escrita, de oralidade e de escuta, por isso,

[...] Não se trata de abolir modelos ou defender a ideia de que o novo possa ser criado a partir do nada, mas, sim, de dessacralizá-lo, isto é,

deixar de crer que se trata de uma peça inquestionável, um objetivo a ser alcançado pelo aluno para ser encarado como um legado cultural, que serve de fonte para a produção própria (MAGALHÃES, 2007.p.59).

Nesse sentido, essa proposta do MEC, para se configurar como exitosa, dependerá muito da visão do professor em relação ao ensino da leitura e da escrita. Se o professor entender que a prescrição de uma aula pode não se configurar como exitosa em determinadas turmas e for capaz de fazer os ajustes necessários, entendemos que essa proposta do MEC pode contribuir para a construção de um ensino de qualidade nas escolas.

7. Referências

ANTUNES, I. Análises de textos: fundamentos e práticas. São Paulo:Parábola Editorial, 2010.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003, p. 261-306.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental: língua portuguesa**.Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental, 1998.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio**.Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 1999.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais: Ensino Médio**. Parte 2: Linguagens, códigos e suas tecnologias.Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2000.

BRASIL. **PCN+ Ensino Médio: orientações educacionais complementares aos PCN na área de Linguagens, códigos e suas tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação,Secretaria da Educação Média e Tecnológica, 2002.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio – Linguagens, Códigos e Tecnologias**. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

DIAS et al 2011???????????????????

MAGALHÃES, M. Subjetividade em Adv, A construção de textos de alunos da escola básica. Dissertação de mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo – USP, 2007.

Portaldoprofessor.mec.gov.br